

A teoria da Revolução Permanente na História

Bernardo Cerdeira

Este número da *Marxismo Vivo* está dedicado ao estudo da formação econômica e social do Brasil e à elaboração de um programa para a revolução brasileira. Uma interpretação marxista sobre esses temas só pode ser feita à luz de uma teoria sobre a revolução mundial.

Leon Trotsky enfatiza a importância da teoria da Revolução Permanente para o partido e para o programa, já que "versa sobre **o caráter, o nexo interno e os métodos da revolução internacional** em geral". Sua visão é que a **revolução socialista** é uma luta **mundial** permanente dos oprimidos contra os opressores, que tem como objetivo a liquidação de toda a opressão social e nacional. Nesse sentido, a teoria da Revolução Permanente é, ao mesmo tempo, concepção da revolução socialista, programa e objetivo dos revolucionários.

A Quarta Internacional não estabelece compartimentos estanques entre os países atrasados e os avançados, entre as revoluções democráticas e as socialistas. Combina-as e as subordina à luta mundial dos oprimidos contra os opressores. Assim como a única força genuinamente revolucionária de nossa época é o proletariado internacional, **o único programa com que realmente se liquidará toda opressão social e nacional é o programa da revolução permanente.** (TROTSKY, 1929)

Seguindo o pensamento de Trotsky, Nahuel Moreno definiu muito bem o caráter dessa teoria e seu papel na elaboração do programa revolucionário para a época imperialista:

"A teoria-programa da revolução permanente é o eixo do Programa de Transição. [...] **Podemos formular essa teoria-programa de maneira simples: mobilizar permanentemente as massas até conseguir, no mínimo, a sociedade socialista internacional e arrancar definitivamente todo vestígio da sociedade de classe em todos os aspectos da vida social. É a máxima expressão da nossa política.** (MORENO, *O Partido e a Revolução*)

Trotsky deu à teoria da Revolução Permanente sua elaboração mais avançada, mas ele não foi o primeiro a formulá-la. Tampouco sua versão é definitiva, final e imutável. A elaboração teórica marxista está profundamente vinculada ao curso histórico da luta de classes e ao desenvolvimento das forças produtivas. Por isso mesmo, é produto de uma elaboração coletiva de diferentes teóricos em distintos períodos históricos, que refletiram sobre as lições de grandes revoluções.

A Revolução Permanente em Marx e Engels

A primeira formulação sobre a Revolução Permanente se encontra nos primeiros escritos de Marx e Engels, de 1848, época da Liga dos Comunistas. Naquele ano, um processo revolucionário percorreu a Europa. A França era o centro e o país onde o movimento foi mais avançado. Eram revoluções burguesas que buscavam derrubar regimes monárquicos, como os da França e da Alemanha, conquistar liberdades políticas e a unificação nacional da Alemanha. No entanto, o proletariado já estava constituído e participava como classe.

Marx e Engels atuaram ativamente durante a revolução de 1848 e buscaram extrair lições desse processo. Num texto intitulado "Mensagem da Direção Central à Liga dos Comunistas" (1850), desenvolveram, pela primeira vez, sua concepção de revolução permanente. Afirmam que o proletariado deve buscar "Tornar permanente a revolução até que todas as classes possuidoras estejam afastadas da dominação [...] e o poder de Estado tenha sido conquistado pelo proletariado". Defendem também a total independência do proletariado em relação à burguesia e à pequena-burguesia e que o partido operário se organize de forma autônoma.

A teoria da Revolução Permanente em Marx e Engels é uma antevisão teórica genial da teoria da revolução. Reflete a época em que a burguesia já não cumpre um papel revolucionário porque teme o proletariado, que já é um ator fundamental da luta de classes. No entanto, é uma concepção limitada, porque o capitalismo ainda desenvolvia as forças produtivas.

Por exemplo, apesar de defender a mobilização permanente da classe operária da revolução democrático-burguesa até a revolução socialista, Marx não define se o intervalo entre ambas será breve ou longo. "Se os operários alemães não podem chegar à dominação e realização dos seus interesses sem passar por todo um desenvolvimento revolucionário prolongado (...) a vitória do proletariado na França pode acelerar o processo".

Por outro lado, não é uma teoria da revolução mundial. É ainda um esquema teórico de uma revolução socialista limitada aos países dominantes, ou seja, os países capitalistas desenvolvidos. Nem poderia ser de outra forma, porque na metade do século 19 a maior parte das regiões do mundo estava formada por colônias, e os países capitalistas se limitavam à Europa Ocidental e aos Estados Unidos. Esse primeiro esboço da teoria seria ratificado, ampliado e modificado nas décadas seguintes.

1905: as três concepções da Revolução Russa

A segunda grande formulação da teoria da Revolução Permanente se dá no período da Revolução Russa de 1905. Nessa época, o imperialismo já dominava o planeta e havia desenvolvido um mercado mundial. Já se vivia a antevéspera da época de plena atualidade da revolução proletária. Nove anos depois, explodiria a Primeira Guerra Mundial.

Nesse contexto, desenvolveram-se no interior do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) três concepções sobre a Revolução Russa: a dos mencheviques, a de Lenin (assumida pelos bolcheviques) e a de Trotsky.

Para os mencheviques, como para as demais correntes da social-democracia, a revolução seria democrático-burguesa. Em sua concepção, a burguesia deveria dirigir a revolução. O proletariado se subordinaria a essa liderança e não deveria provocá-la ou afastá-la. Depois da revolução, abrir-se-ia um longo período de desenvolvimento capitalista e de democracia burguesa. O partido operário deveria ser oposição dentro desse regime democrático. A luta pelo socialismo só seria viável depois de um longo período de desenvolvimento capitalista.

Lenin partia de uma visão radicalmente diferente. Apesar de também considerar que a revolução teria um caráter democrático-burguês, afirmava que a burguesia era incapaz de dirigi-la porque temia o proletariado. Por isso, preferia chegar a um acordo contrarrevolucionário com a aristocracia feudal. A revolução só poderia ser feita por uma aliança de camponeses e operários que cumpriria as tarefas democráticas, principalmente a nacionalização da terra.

Segundo o revolucionário russo, para destruir o regime czarista e a propriedade da aristocracia feudal seria necessária uma ditadura democrática dos operários e camponeses, na qual a classe operária manteria total independência da burguesia e dos camponeses. A fórmula de Lenin era algébrica, não definia qual dessas duas classes dirigiria essa ditadura.

Trotsky dizia que a revolução seria democrático-burguesa a princípio, mas se transformaria em socialista sem solução de continuidade. Segundo ele, o campesinato era incapaz de ter um projeto político independente e apoiaria a burguesia ou o proletariado. A classe operária seria, então, a única capaz de dirigir a revolução e levar até o fim as tarefas democrático-burguesas. Para isso, teria de implantar a ditadura do proletariado, aliando-se aos camponeses, mas dirigindo-os. Uma vez no poder, ver-se-ia obrigado a atacar a propriedade burguesa e aplicar seu programa de revolução socialista.

Essa primeira formulação da teoria da Revolução Permanente ainda estava limitada à transição da revolução democrático-burguesa à revolução socialista na Rússia. Trotsky reconhecia que o império russo era atrasado e não podia alcançar o socialismo isoladamente, mas que poderia e deveria ser a vanguarda e a antessala da revolução europeia. No entanto, essa perspectiva internacionalista ainda estava longe de ser uma teoria da revolução mundial.

Lenin era o único a defender a necessidade de organizar um partido operário revolucionário centralizado que dirigisse a classe operária para fazer a revolução e tomar o poder. Não só defendeu essa concepção, como se dedicou a construir esse partido. Trotsky, ao contrário, rechaçou durante muitos anos a ideia de um partido centralizado e teve uma posição centrista em relação a isso.

Quando eclodiu a Revolução de Fevereiro em 1917, todas essas teorias foram postas à prova. Os mencheviques, seguindo a lógica de sua

concepção, apoiaram os sucessivos governos burgueses provisórios, entraram nesses governos e apoiaram sua política pró-imperialista na Primeira Guerra Mundial.

Lenin, do exílio, defendeu que o proletariado tomasse o poder ("Cartas de longe", "Cartas sobre tática"). Chegando a Petrogrado, publicou Teses de Abril e iniciou um combate contra a própria direção do partido (Stalin e Kamenev), que levava os bolcheviques a apoiar o Governo Provisório. Adotou, na prática, a formulação teórica de Trotsky.

Por outro lado, Trotsky reconheceu que Lenin tinha razão na questão do partido revolucionário centralizado e que, graças a essa concepção, o Partido Bolchevique era a única organização revolucionária que estava preparada para tomar o poder. Em agosto, Trotsky aderiu ao Partido Bolchevique. Em outubro, os bolcheviques tomaram o poder.

O desenrolar dos acontecimentos entre fevereiro e outubro mostrou que a concepção de Trotsky era a mais acertada do ponto de vista da dinâmica da revolução, mas o elemento decisivo para a tomada do poder pelo proletariado foi a existência de um partido centralizado tal como defendia Lenin.

Socialismo num só país ou Revolução Permanente?

Em 1924, surgiu novamente com força a polêmica sobre a Revolução Permanente, em outro contexto. Depois da guerra civil (1918-1921), o Estado soviético passava por uma situação crítica. A onda revolucionária na Europa (1918-1923) havia sido derrotada, principalmente a Revolução Alemã. A URSS estava isolada. A guerra civil havia custado a morte de um milhão de operários que constituíam a vanguarda da revolução.

Diante da fome e da destruição do país, os bolcheviques foram obrigados a lançar a Nova Política Econômica (NEP), que permitia que os camponeses negociassem seus produtos no mercado. Isso liberou forças capitalistas no interior da economia planificada. O atraso do país também obrigou a URSS a utilizar funcionários e técnicos do velho aparato czarista.

Camponeses ricos (kulaks), pequenos comerciantes (nepman) e burocratas do velho regime se fortaleceram e passaram a influir no partido e no Estado. Começou a se formar uma burocracia (1921-1922).

A doença e a morte de Lenin, em janeiro de 1924, facilitaram esse processo.

A condução do partido passou às mãos de Zinoviev, Kamenev e Stalin, a chamada "troika". A Oposição de Esquerda, encabeçada por Trotsky, representava o principal obstáculo à burocratização do partido. Por isso, a troika lançou uma campanha contra o trotskismo e a teoria da Revolução Permanente.

É nesse contexto que Bukharin e Stalin desenvolvem a teoria do socialismo num só país, uma concepção plena de messianismo nacional. Afirmavam que a URSS, por suas peculiaridades (extensão territorial e riquezas nacionais), podia alcançar o socialismo isoladamente. Portanto, a conquista do poder pelo proletariado significaria a realização da revolução em seus "nove décimos" (Stalin), inaugurando a época das reformas.

Internacionalmente, pregavam a neutralização da burguesia mundial e a subordinação da revolução à defesa da URSS. Nas décadas seguintes, essa política levou ao pacto Stalin-Hitler, aos acordos de Yalta e Potsdam entre a URSS e os EUA e à coexistência pacífica com o imperialismo, ou seja, a defesa do capitalismo e da contrarrevolução.

A teoria do socialismo num só país é a negação do princípio marxista do caráter internacional da revolução socialista e do próprio socialismo. Na verdade, era uma justificativa do desejo da burocracia nascente de abandonar a revolução mundial e procurar a paz com o imperialismo para estabilizar a União Soviética. Não foi à toa que Trotsky ressaltou a oposição inconciliável entre as duas teorias e a importância para o programa marxista do confronto entre elas:

A luta da Oposição de Esquerda por uma política justa e um regime sadio na Internacional Comunista está indissolavelmente ligada à luta por um programa marxista. A questão do programa, por sua vez, é inseparável da questão das duas teorias opostas: a teoria da revolução permanente e a teoria do socialismo num só país. (TROTSKY, *A Revolução Permanente*)

A Revolução Chinesa (1924-1927)

A burocratização da URSS e a aparição da teoria do socialismo num só país foram elementos fundamentais para que Trotsky retomasse sua elaboração sobre a teoria da Revolução Permanente. Porém o debate

sobre a Revolução Chinesa de 1927 também contribuiu decisivamente para essa nova formulação.

A posição da III Internacional sobre a China, dirigida na época por Stalin-Bukharin, era explícita: tratava-se de uma revolução de liberação nacional. Cabia à burguesia chinesa, organizada no partido nacionalista Kuomintang, o papel dirigente. Uma posição similar a dos mencheviques.

Ao Partido Comunista Chinês, foi ordenado entrar no partido e no exército do Kuomintang, submeter-se à sua disciplina e abrir mão de sua autonomia. A III Internacional proibiu que os operários e camponeses revolucionários criassem soviets. Em 1927, o PC foi esmagado e mais de 100 mil operários foram massacrados por Chiang Kai-shek, chefe do Kuomintang e do exército nacionalista.

Trotsky foi opositor ferrenho dessa política de capitulação à burguesia e abandono da independência da classe operária e do PC Chinês, denominando-a uma "má caricatura do menchevismo". A partir da experiência da Revolução Chinesa, Trotsky chega à conclusão de que não há mais a divisão entre países maduros e não maduros para o socialismo: "Com a criação do mercado mundial, da divisão mundial do trabalho e das forças produtivas mundiais, o capitalismo preparou o conjunto da economia mundial para a reconstrução socialista."

A segunda versão da teoria da Revolução Permanente de Trotsky (1929)

Em 1929, Trotsky publicou o livro *A Revolução Permanente*, em que aparece sua segunda formulação da teoria, dessa vez como teoria da revolução socialista mundial. No final do livro, resume a teoria em Teses, que ressaltam três aspectos:

A transformação da revolução democrático-burguesa em socialista. "As tarefas da revolução democrático-burguesa ou da revolução nacional-libertadora só podem ser levadas a cabo por meio da ditadura do proletariado". A revolução será feita pelo proletariado dirigido por um partido revolucionário centralizado. Uma vez constituída em poder, a ditadura do proletariado terá de atacar o direito burguês de propriedade: "A revolução democrática se transforma diretamente em revolução socialista, tornando-se, pois, uma revolução permanente."

A revolução socialista depois da tomada do poder. Trotsky afirma que a conquista do poder apenas inaugura a revolução: "Durante um período, todas as relações sociais se transformam no transcurso de uma luta interior contínua." A construção socialista baseia-se na luta de classes nacional e internacional.

O caráter internacional da revolução. "A revolução socialista começa no terreno nacional, se desenvolve no internacional e chega ao seu término e desfecho no terreno mundial. Portanto, a revolução socialista se converte em permanente num sentido novo e mais amplo da palavra: **no sentido de que só se consuma com a vitória definitiva da nova sociedade em todo o planeta**". (Idem)

Moreno e a atualização da teoria da Revolução Permanente

Em 1980, em seu livro *Atualização do Programa de Transição*, Nahuel Moreno reivindica que

[...] a teoria da Revolução Permanente, em sua segunda formulação, como teoria da revolução socialista internacional, da mobilização permanente da classe operária e seus aliados para tomar o poder, instaurar uma ditadura revolucionária para derrotar o imperialismo no mundo todo, destruir revolucionariamente os estados nacionais e implantar a federação de repúblicas socialistas soviéticas do mundo para começar a construir o socialismo.¹

Para Moreno, o principal aspecto da teoria da Revolução Permanente é que a revolução socialista é mundial. Na época imperialista, não há mais a divisão entre países maduros e não maduros para a revolução socialista. As revoluções nacionais são parte da revolução mundial, e existe um enfrentamento mundial entre revolução e contrarrevolução.

Moreno também diz que se confirmou a concepção geral da teoria da Revolução Permanente de que só a classe operária dirigida por um partido revolucionário pode levar a revolução até o socialismo. Daí a necessidade de construir partidos revolucionários centralizados em todos os países do mundo e uma internacional revolucionária centralizada. Estados operários burocráticos dirigidos por partidos burocráticos ou pequeno-burgueses inevitavelmente retrocederão em

1MORENO, Nahuel. *Teses para a atualização do programa de transição*. São Paulo: CS Editora, 1992, p. 6. (Nota da edição brasileira)

algum momento do caminho. O exemplo mais evidente, acrescentamos nós, é que o capitalismo foi restaurado na União Soviética, na China etc.

Moreno também submeteu a teoria a uma avaliação crítica à luz dos acontecimentos da luta de classes de sua época. Sua crítica centrou-se no texto das teses.

Em primeiro lugar, questionou a utilização por Trotsky da categoria de revoluções democrático-burguesas nos dias de hoje e da transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista. Moreno dizia que essa categoria já não se aplicava à época atual:

Já não há mais revoluções democrático-burguesas, já que não há no mundo atual feudalismo dominante, mas sim distintos graus de capitalismo e de domínio imperialista. [...] Isso não significa negar a importância fundamental das tarefas democráticas. (Idem).

Para Moreno, na época atual do capitalismo imperialista as numerosas revoluções democráticas ou que têm como eixo reivindicações democráticas, enfrentam necessariamente o imperialismo e seus agentes: a burguesia do país, seus regimes e governos burgueses ditatoriais. Portanto, desde o princípio, são parte da revolução socialista mundial porque seus inimigos são o imperialismo e a burguesia ligada a ele. Não são revoluções contra regimes ou aristocracias feudais **dominantes**, porque essas já não existem. Isso não diminui a importância de que essas revoluções assumam tarefas democráticas não cumpridas pela burguesia, especialmente nos países atrasados, mas as insere na dinâmica da revolução socialista como totalidade.

Por outro lado, Moreno procurou dar uma resposta marxista aos novos acontecimentos da luta de classes no pós-guerra. Depois da Segunda Guerra Mundial, houve revoluções que derrubaram regimes totalitários e algumas delas (China, Iugoslávia, Albânia, Vietnã e mais tarde Cuba) avançaram até expropriar a burguesia em um terço da humanidade. No entanto, em nenhuma dessas revoluções houve uma intervenção primordial, hegemônica da classe operária e nenhuma foi dirigida por um partido revolucionário e sim por partidos comunistas burocráticos ou correntes pequeno-burguesas que se apoiavam na pequena-burguesia, principalmente nos camponeses.

Ou seja, por falta de amadurecimento da classe operária e premidos pela necessidade (guerra, crise econômica aguda, ataque do imperialismo), setores da pequena-burguesia foram empurrados a fazer a revolução, democrática primeiro e socialista depois. As direções oportunistas se viram obrigadas a ir além do que pretendiam e expropriaram a burguesia. No entanto, esses setores pequeno-burgueses não podem instaurar um poder operário democrático e, se não são derrubados, levam a um retrocesso.

Para Moreno, a dinâmica de tarefas (defender-se de uma agressão imperialista, da guerra ou da penúria causada por crises econômicas) empurra a revolução e leva a que classes ou setores de classe possam cumprir momentaneamente as tarefas do proletariado. A história está cheia de exemplos dessa dinâmica. O próprio Trotsky explica que o proletariado era a única classe capaz de cumprir as tarefas democráticas que a burguesia não podia nem queria realizar. Para Moreno, o erro de Trotsky teria sido colocar os sujeitos histórico (classe operária) e político (partido revolucionário) como condição para o triunfo da revolução **em qualquer etapa.**

Atualmente, vários companheiros, dentro e fora da corrente morenista, questionam essa crítica de Moreno à teoria da Revolução Permanente, assinalando, entre outras coisas, que essa elaboração estava restrita a condições históricas, como a existência do aparato stalinista mundial e de estados operários burocráticos, que tendem a não se repetir.

Esse é um debate em aberto. Mas, sem dúvida, caberá às novas gerações de revolucionários atualizar a teoria da Revolução Permanente à luz dos novos e impactantes acontecimentos da luta de classes, tais como a restauração do capitalismo na ex-URSS, na China e no Leste Europeu e a crise econômica e política do imperialismo mundial. E, combinada a essa tarefa, atualizar o Programa de Transição para a nossa época.